

G-7 descarta novo empréstimo ao Brasil

PARIS, WASHINGTON E FRANKFURT – Após um dia de silêncio cauteloso, os governos europeus que integram o Grupo dos Sete (G-7) saíram ontem em defesa do programa de ajuste brasileiro, fazendo coro às declarações do presidente americano, Bill Clinton, e outras autoridades dos Estados Unidos. Mas, segundo o ministro da Fazenda italiano, Carlo Azeglio Ciampi, a possibilidade de liberação de novos recursos das nações mais ricas está afastada.

Presidentes dos países do G-7 passaram a quarta-feira discutindo a crise brasileira, via telefone, entre si e com o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Michel Camdessus, mas nenhuma nota oficial foi divulgada. Ontem, os ministros da área econômica entraram em campo para tentar minimizar a onda de pânico nos mercados internacionais.

"A situação no Brasil não é boa. Contudo, penso que não estamos encarando algo similar ao que vimos na Ásia ou na Rússia. A reforma da economia brasileira está em andamento", afirmou o ministro das Finanças francês, Dominique Strauss-Kahn.

Melhor do que se pensa – Em Washington, o presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento, Enrique Iglesias, se disse surpreso com a reação do mercado às mu-

danças na política cambial brasileira. "Mantengo minha confiança no Brasil. Estou francamente surpreso porque os mercados não entendem o enorme esforço que tem feito e que segue fazendo o Brasil", afirmou, lembrando que o Congresso já aprovou diversos itens do ajuste fiscal. Em Frankfurt, o presidente do Bundesbank (banco central alemão), Hans Tietmeyer, foi além: "A situação interna lá (no Brasil) é melhor do que muita gente pensa".

Já o ministro italiano disse em entrevista ao jornal romano *La Repubblica* que é cedo para avaliar se a crise é semelhante à que sacudiu o México em 1994. Para Ciampi, a nova onda de turbulência é mais um motivo para se temer a hipótese de uma espiral deflacionária global. Mas, de acordo com ele, não há nada a ser feito.

"Com Camdessus e os outros, podemos todos dizer francamente que, no momento, não há nada que possamos ou devamos fazer. O FMI aprovou um empréstimo de US\$ 41,5 bilhões em outubro e seria absurdo pensar em outra intervenção de natureza similar", afirmou Ciampi. "Nós não conversamos sobre isso (durante a teleconferência) e ninguém levantou a hipótese, nem mesmo os americanos, que seriam os que sofreriam os piores efeitos se as dificuldades brasileiras se agravarem."